

## Histórias que se repetem

Helder Salomão

Nestes dias, me veio à mente uma história ocorrida entre os anos de 1993 e 1996, quando eu era vereador na cidade de Cariacica, no Espírito Santo. Um grupo de parlamentares procurou a bancada do PT, à época formada por mim e dois outros companheiros, para propor o afastamento do então prefeito Aloísio Santos (PSDB), falecido em 2007.

Naquele momento, a base aliada na Câmara Municipal havia rachado e sem o apoio da oposição não tinha maioria na Casa. Por esta razão um grupo de vereadores, descontentes com o prefeito, veio pedir o nosso apoio para o seu "impeachment". Os nobres edis nos apresentaram um documento onde só faltavam três assinaturas para ser protocolado. Ou seja, a nossa adesão era o que eles precisavam para abrir o processo.

Dissemos que só assinaríamos o pedido caso nos mostrassem os atos de corrupção para justificar tal ação. E indagamos: Quais foram os atos ilícitos praticados pelo prefeito? Eles apresentaram motivos pífios e respostas evasivas (parecidos com os argumentos da oposição, hoje, contra a presidenta Dilma, na Câmara Federal). Concluímos, então, que se tratava de uma armação, de uma tentativa de golpe para atender aos interesses de um grupo em detrimento da população cariaciquense, que já havia assistido aquela cena algumas vezes ao longo da história política da cidade.

Diante da nossa negativa o grupo ainda insistiu várias vezes: - Só faltam três assinaturas para pedirmos o afastamento do prefeito. Vocês são da oposição. Vocês não vão assinar?

Reafirmamos o não porque não apresentaram nenhuma justificativa que fundamentasse o pedido de afastamento. Não cedemos à sanha golpista daquele grupo. Nossa bancada se manteve na oposição ao prefeito até o final do mandato, mas sempre em defesa dos interesses da população.

Eu não imaginava que, duas décadas depois, fôssemos vivenciar uma história parecida com a presidenta do nosso país, eleita democraticamente pelo povo brasileiro, e que não responde a nenhum processo por corrupção e nem é investigada por qualquer ato ilícito. Hoje a oposição, liderada pelo senhor Eduardo Cunha, age como no passado: aposta no cenário do "quanto pior melhor", lidera processo de impeachment sem provas e mais do que fazer oposição ao governo, trabalha contra a democracia a favor do golpe e faz oposição ao Brasil.

Mas há uma diferença fundamental entre esses dois momentos: em Cariacica, na década de 1990, houve responsabilidade da oposição, que agiu de maneira republicana. Infelizmente não podemos dizer o mesmo daqueles que fazem oposição ao nosso país na atualidade.

Essas narrativas não são casos isolados. Infelizmente temos muitos exemplos como esses no território brasileiro. Casos assim evidenciam as distorções do

sistema eleitoral e a baixa qualidade da representação política no nosso país. Em uma democracia, é legítimo e necessário que haja o contraditório, mas é preciso que os partidos e as lideranças políticas sejam capazes de estabelecer consensos em torno dos projetos estratégicos para as cidades, os estados e a nação.

Quando os interesses de grupos políticos estão acima das necessidades da população e a luta pelo poder atropela os princípios éticos e democráticos, é sinal de que precisamos rever atitudes. Não podemos concordar com ideias e práticas que ameaçam e fragilizam a democracia brasileira. É a eleição que legitima a conquista do poder, não o golpe.

(\*) Deputado Federal (PT-ES) e Prefeito de Cariacica-ES entre 2005-2012